



SE IGNORARMOS A HISTÓRIA ESTAMOS CONDENADOS A REPETI-LA

Reescrever a História foi o que o Parlamento Europeu fez com a aprovação de uma resolução, em Setembro passado, que equipara os regimes fascistas ao comunismo, condenando as atrocidades cometidas por «ambos os regimes totalitários». Para a maioria do PE – na qual se incluem os votos dos deputados portugueses do PS, PSD, CDS e PAN – os SS de Auschwitz são iguais às tropas do exército vermelho que libertaram os detidos do campo de concentração.

No momento em que alguns países europeus, membros da UE, como a Polónia, a Letónia, a Lituânia e a Estónia, se restaura o fascismo e se promove a xenofobia e o racismo, o PE parece querer incentivar os estados-membros à proibição dos partidos comunistas e outras forças democráticas. A extrema-direita está a ganhar terreno na Europa, entrando em muitos parlamentos nacionais, como em Portugal, embora com uma expressão menor. Na vizinha Espanha, nas legislativas de 10 de Novembro passado, o Vox mais do que duplicou a sua representação e conta agora com 52 deputados, passando a terceira força política.

Uma velha piada latino-americana pergunta por que razão nunca há golpes de Estado nos Estados Unidos da América.

A resposta é que lá não há embaixada dos EUA. A piada nunca foi tão actual face à explosão em todo o Mundo de conflitos e ao recrudescimento de outros, que levam à queda de governos progressistas e à tentativa de impor a agenda neoliberal do FMI.

Na Bolívia, um movimento que se iniciou com a exigência de uma segunda volta nas eleições presidenciais de 20 de Outubro, acabou com a renúncia forçada e posterior exílio do presidente eleito Evo Morales.

Em três semanas, a oposição levou a cabo um golpe de Estado contra um presidente de origem indígena que tinha, em 14 anos de governo, alcançado bons índices económicos e sociais e, consequentemente, tirado o país da miséria, do analfabetismo, do desemprego, da ausência de estruturas para a saúde e a educação. Os crimes de Evo Morales não são uma alegada fraude eleitoral, declarada pelos aliados dos EUA na Organização dos Estados Americanos, e nunca provada, mas o facto de ter colocado na sociedade a voz dos 60% de indígenas que vivem e trabalham na Bolívia.

Evo saiu de cena, segundo disse, «para que os meus irmãos e irmãs, autoridades do

Movimento ao Socialismo (MAS), não sejam fustigados, perseguidos, ameaçados», num país rico em lítio e onde tinha redistribuído a riqueza com a nacionalização do gás e o aumento dos impostos sobre as indústrias de hidrocarbonetos. Não conseguiu!

A senadora de direita Jeanine Áñez autoproclamou-se presidente interina da Bolívia sem o apoio dos dois terços dos deputados e senadores. A líder de um partido que elegeu só quatro deputados manda hoje no país com o apoio do exército, dos EUA e da União Europeia. As manifestações contra o golpe são diárias e fortemente reprimidas, tendo já feito mais de três dezenas de mortos.

Apesar do golpe de Estado e da violência, o governo português, tão solícito em apontar violações de direitos humanos em outras latitudes, tem mantido um cúmplice silêncio.

A mesma mudez que lhe tem provocado as violentas repressões que sofrem os muitos milhões de manifestantes que têm saído às ruas do Chile e Colômbia contra as políticas neoliberais e os seus governos de direita.

Impedir o crescimento da extrema-direita só se consegue se os governos nacionais perseguirem políticas que dêem resposta às necessidades e aspirações das populações. E só com a luta dos povos se conseguirá. Se ignorarmos a história estamos condenados a repeti-la.

Luísa Tito de Morais

PRESERVAR A MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA - págs. 4 e 5

Na luta pela memória do fascismo e da resistência, a URAP bate-se pela concretização dos museus em Peniche e no Porto e combate a intenção de transformar Santa Comba Dão num ponto de romagem de saudosistas da ditadura.

ORIENTAÇÕES PARA O REFORÇO ORGÂNICO - págs. 2 e 3

VEM E VÊ NOS 80 ANOS DA II GUERRA MUNDIAL - pág. 7

NÚCLEO DO SEIXAL ORGANIZA ALMOÇO ANUAL

O núcleo da URAP do Seixal organizou no Clube Recreativo da Cruz de Pau um almoço, dia 23 de Novembro, com a presença da vereadora da CM Seixal Manuela Calado e o presidente da Junta da União das Freguesias de Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires, António Santos.

Depois de João Sampainho, do núcleo do Seixal, ter feito a apresentação, falou Ana Pato, da direcção da URAP, para saudar o trabalho dos núcleos no «enraizamento» da organização nas cidades e nas freguesias. Considerou igualmente necessária uma maior ligação às forças vivas associativas, do poder local, colectividades ou escolas.

Para a dirigente da URAP, o mundo encontra-se numa situação muito complexa, assistindo-se a uma agudização de conflitos



em vários países da América Latina, a manifestações poderosas na Polónia, e isto quando o Parlamento Europeu aprovou, por larga maioria, uma resolução que equipara o fascismo ao comunismo.

Ana Pato falou ainda da realidade portuguesa, considerando que a resposta dos antifascistas deve ser dada em função da realidade portuguesa e que deverá ser uma resposta transversal. «Defender a liberdade e democracia não é defender abstrações, mas sim a saúde, educação,

cultura, liberdade expressão, trabalho com direitos», disse.

A vereadora Manuela Calado saudou os participantes no almoço, que se realiza pelo segundo ano consecutivo, e que reuniu mais de cem pessoas.

Seguiu-se um momento cultural com poesia dita pelo escritor Chico Braga, a actuação do grupo Artes e Barulhos da Uniseixal, a Universidade Sénior do Seixal, e do Grupo de Música de Intervenção, com Ruben Valente e Álvaro Albino.

APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO NÚCLEO DA URAP DA MOITA

A apresentação pública do núcleo da URAP da Moita decorreu dia 1 de Dezembro no Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira com intervenções políticas, exposição sobre a resistência antifascista, canto livre e venda de livros.

No mesmo ginásio que serviu de palco a comícios da oposição antes do 25 de Abril, Ana Pato, em nome da direcção da URAP, falou da complexa situação internacional, com graves atentados à democracia em vários países.

Segundo Ana Pato, em Portugal urge «defender a liberdade e a democracia» e para tal é necessário também um reforço da URAP que deve lutar por objectivos concretos, nomeadamente, a filiação de 100 novos sócios até Março, criação de cinco



novos núcleos, actualização dos ficheiro e regularização das quotas.

O membro da direcção da URAP Álvaro Pato falou das comemorações dos 50 anos da fundação da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos (CNSPP), que se iniciam com uma sessão nacional em Janeiro de 2020 e prosseguirão depois um pouco por todo o País.

O presidente da Câmara, Rui Garcia, reforçou a ideia de que «o fascismo não foi um episódio da história, será sempre um instrumento para manter o domínio do capital sempre que for necessário e sempre que a luta puser em causa os seus privilégios».

Vítor Barata, presidente do Ginásio Atlético Clube, lembrou, por seu lado, o papel simbólico que o ginásio representa dado que foi «baluarte da luta contra o fascismo».

Diamantino Cabrita, do núcleo da Moita, fez a leitura de poemas, que intercalou com os discursos dos oradores, e saudou os resistentes presentes.

Durante o debate foi abordado o papel do associativismo e das colectividades do concelho na resistência e formação política das pessoas, que prossegue agora com um sistemático contacto com a juventude nas escolas.

No início e no fim da sessão actuaram os músicos Tony da Costa e Octávio Rodrigues.

A exposição, montada no exterior da sala, era constituída por documentos nacionais e por outros relativos ao concelho da Moita, como fotografias, panfletos, recortes da imprensa, fichas da PIDE, que testemunham a luta e a resistência das populações locais.

URAP
Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES
ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**
Membro da Federação
Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2
1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083
DEPOSITO LEGAL: 357338/18

ÓRGÃOS SOCIAIS DA URAP REUNIDOS COM SÓCIOS

No âmbito da actividade regular da URAP, a direcção, membros do Conselho Nacional e representantes dos núcleos reuniram-se, nos dias 11 de Outubro e 30 de Novembro, na Confederação das Colectividades, em Lisboa, a fim de analisar o trabalho desenvolvido pelos núcleos e a forma de melhor os dinamizar.

Na primeira reunião, que contou com 60 sócios, foram tratados temas como a preparação do Encontro/Convívio no Museu Nacional da Resistência e da Liberdade de Peniche e a recolha de assinaturas para a Petição da URAP contra a criação do Museu

Salazar, em Santa Comba Dão, a apresentar à Assembleia da República.

A 30 de Novembro, com a presença de 50 sócios, foi discutida de novo a prioridade a dar à petição contra o Museu Salazar, bem como às comemorações dos 50 anos da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e ao trabalho a desenvolver junto da juventude nas escolas no âmbito do 25 de Abril de 2020.

Foi ainda traçado como objectivo a atingir pelos núcleos, a inscrição de mais 100 novos sócios até à Assembleia-geral (Março); actualização das fichas de todos



os sócios; constituição de cinco novos núcleos; regularização das quotizações; e valorização do Boletim e das plataformas digitais de informação.

URAP PORTO ORGANIZA SESSÃO SOBRE «FASCISMO – ONTEM E HOJE: RESISTÊNCIA!»

Manuel Loff, João Freitas e Maria José Ribeiro foram os oradores de uma sessão promovida pelo núcleo da URAP do Porto, dia 30 de Novembro, na sede da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto dedicada ao tema Fascismo – Ontem e hoje: Resistência!.

Manuel Loff, historiador, investigador e professor universitário, contextualizou o nascimento da ideologia fascista, os seus desenvolvimentos e ascenso ao poder, por via legal e em «coligação» com outros, a

situação de crise económica, social, política e o confronto com a Revolução Socialista, a sua derrota na II Guerra Mundial, mas não a sua morte.

Na actualidade, disse, apresentam-se com outras roupagens. Nenhum partido vai a eleições cunhando-se de fascista, os actuais representantes da extrema-direita portuguesa foram recentes militantes ou mesmo dirigentes do PSD ou CDS. Contudo, possuem traços comuns de racismo e xenofobia, de intolerância face a

minorias, de medo da invasão estrangeira: a ameaça das comunidades emigrantes, dos povos do sul e o liberalismo económico.

João Freitas, mestre em História Contemporânea, referiu-se à situação internacional, lembrando a luta da resistência contra o ascenso do fascismo e do nazi-fascismo organizada nos Arditi del Popolo, em 1921, em Itália, à Aliança dos Combatentes da Frente Vermelha, na Alemanha, da Frente Popular em França, dos Sindicatos, Partidos Trabalhista e Comunista no Reino Unido.

O historiador recordou a generosidade e heroicidade das Brigadas Internacionais que lutaram em defesa da República na Guerra Civil de Espanha ou, no caso português, o longo e rico historial de luta. Afirmou ainda que o antagonismo entre comunistas e nazi-fascistas é tão irredutível na ideologia como na história.

Freitas citou as palavras de Thomas Mann, um insuspeito liberal: «colocar o comunismo no mesmo nível moral que o nazismo é, na melhor hipótese, uma análise superficial, no pior dos casos, é fascismo (...)».

Por último, interveio Maria José Ribeiro, da direcção da URAP, que relatou o percurso do trabalho da URAP no Porto para que o edifício da ex-PIDE seja um memorial que lembre às jovens gerações o que foi o fascismo e as consciencialize no sentido de lhe dar combate.



A LUTA ANTIFASCISTA PELA PRESERVAÇÃO

Visitas guiadas por ex-presos políticos no Forte de Peniche, intervenções políticas e canto livre preencheram, dia 26 de Outubro, o **Encontro-Convívio de ex-presos políticos, familiares e antifascistas**, que se reuniram para celebrar a construção do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade.

Numa iniciativa da URAP, para assinalar o encontro de há três anos que visou a revolta contra o anúncio feito então pelo Governo que a fortaleza seria uma pousada turística de luxo, Marília Villaverde Cabral congratulou-se com a inauguração da primeira fase e com as obras em curso do futuro museu destinado a mostrar «os locais onde os presos políticos viveram anos a fio, foram castigados ou torturados, e os documentos, fotografias, vídeos que retratam factos desse período negro da nossa História e onde investigadores, mestrandos e doutorandos vão poder enriquecer os seus trabalhos».

Vítor Dias, da URAP, falou sobre a 5.ª edição do livro *Forte de Peniche – Memória, Resistência e Luta*, que atingiu já 11000 exemplares, e referiu os mais importantes capítulos do livro.

«Mais do que uma lista de nomes, nunca nos esqueçamos que se trata mais de uma lista de 2510 vidas, vidas sofridas e vidas aprisionadas mas sobretudo vidas que são exemplo de coragem e firmeza, vidas que se sacrificaram para que, entre tantas outras conquistas passadas, hoje possamos estar aqui não a celebrar saudades que não temos desse passado de sufoco, terror e negrume que foi o fascismo mas a levantar sempre e sempre a bandeira dos grandes valores e ideais progressistas que são essenciais à construção do nosso futuro colectivo», disse.

A sessão pública dirigida por João Neves, do núcleo de Peniche da URAP, terminou com a intervenção do ex-presos político e dirigente da URAP José Pedro Soares. Segundo este, foi a mobilização dos democratas que conseguiu libertar todos os presos políticos após o 25 de Abril de 1974, como foi a mobilização dos democratas que conseguiu erguer na Fortaleza o museu da resistência.

O orador lembrou outros símbolos da luta e resistência ao fascismo pelos quais a URAP se tem batido, como a homenagem aos presos políticos caídos no Tarrafal junto ao seu mausoléu, o museu do Porto na antiga sede da PIDE, e o Museu do Aljube, em Lisboa.

Saudou ainda o projecto em concretização de homenagem às mulheres encarceradas na cadeia de Caxias.



Todos os momentos da festa foram entrecortados com Canto Livre, numa actuação a cargo dos *Amigos de Abril*, que entoaram várias músicas do cancionero da resistência, acompanhados pelos presentes,

e por António Pais, que disse poemas de Ary dos Santos e dos presos Francisco Miguel, *Natal dos Presos Políticos*, e António Borges Coelho, *Roseira Verde*.



ESTA TAMBÉM SE FAZ PÉTICÃO DA MEMÓRIA

Contra o Museu Salazar com este ou outro nome

Continua a circular uma petição à Assembleia da República de repúdio e exigência de que se trave e abandone a anunciada criação do Museu Salazar, com esse ou outro nome, em Santa Comba Dão, em formato digital e em papel, e a URAP lança um apelo a todos os democratas e antifascistas para que a assinem.

A petição, dirigida ao presidente da Assembleia da República, lembra que «para fazer a história do “Estado Novo” existem já os baluartes e projecto da resistência e luta pela Liberdade em Peniche, no Aljube e outros deverão ser abertos, como a antiga cadeia da PIDE na Rua do Heroísmo, no Porto». E recorda que «o n.º 4, do artigo 46.º da Constituição da República Portuguesa, proíbe todas as organizações que partilhem a ideologia fascista».

Com esse objectivo, o Núcleo de Viseu-Santa Comba Dão da URAP organizou, dia 13 de Novembro, uma campanha de denúncia e esclarecimento do projecto de criação do museu, com recolha de assinaturas, conferência de imprensa e uma sessão de apresentação do livro *Forte de Peniche, Memória, Resistência e Luta*.

Durante toda a manhã foram recolhidas cerca de 400 assinaturas para a Petição e distribuídos centenas de exemplares de um documento explicativo das posições desta organização sobre a pretensão de materializar no Vimieiro um pólo de saudosismo fascista e de revivalismo do regime ilegal e opressor, derrubado pelo 25 de Abril de 1974. A meio da tarde decorreu uma conferência de imprensa com a presença de dirigentes nacionais da URAP, na qual foram relatadas todas as tentativas para a criação do museu nos últimos anos, e ao fim da tarde, no Auditório Mirita Casimiro, foi apresentado o livro *Forte de Peniche, Memória, Resistência e Luta*.

Foram oradores António Regala, Jorge Sarabando e António Vilarigues, que falaram sobre o desenvolvimento de forças fascistas e fascizantes por toda a Europa (e não só) e a afirmação que criar o museu não seria apenas um depósito do espólio do ditador Salazar, mas um centro de conspiração contra a democracia e o Portugal de Abril.

Para os dias 6 e 7 de Dezembro, já após o fecho desta edição, estava agendada uma campanha nacional de recolha de assinaturas para esta Petição, com acções marcadas em várias localidades em todo o País. Dela daremos conta numa futura edição do Boletim.



No Porto, continua o Ciclo de Cinema no Heroísmo

No âmbito do Projecto museológico Do Heroísmo à Firmeza - Percursos da Memória na Casa da PIDE no Porto (1936/74), o núcleo do Porto da URAP vem realizando um ciclo de cinema na antiga cadeia do Porto. Em Novembro foram projectados filmes do realizador Manuel Guimarães como *Saltimbancos*, *Nazaré*, *Vidas sem Rumo* e *O Trigo e o Joio*. *Belarmino*, de Fernando Lopes, e *Pedro Só*, de Alfredo Tropa, foram exibidos já em Dezembro.

Recorde-se que o Plenário da Assembleia da República (AR) aprovou em Agosto uma Resolução defendendo a criação de um Museu da Resistência no Porto, nas antigas instalações da PIDE nesta cidade, projecto pelo qual a URAP se tem batido.

No texto da Resolução pode ler-se que a AR recomenda ao Governo a criação da Rede Nacional dos Museus da Resistência e a Instalação do Museu da Resistência e Liberdade no Porto, e que o Ministério da Defesa Nacional deve disponibilizar o prédio da rua do Heroísmo onde funcionou a delegação do Porto da ex-PIDE/DGS e encontrar um novo local para a instalação do Museu Militar do Porto, neste momento aí alojado.

E ainda que se crie a Rede Nacional de Museus da Resistência, permitindo a articulação entre o Museu do Aljube – Resistência e Liberdade, de Lisboa, o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, de Peniche, e o futuro Museu da Resistência e Liberdade, do Porto.

CORPO DO DITADOR ESPANHOL FRANCISCO FRANCO EXUMADO DO VALE DOS CAÍDOS

O corpo do ditador espanhol Francisco Franco, que morreu em 1975, foi transferido, dia 24 de Outubro, do memorial do Vale dos Caídos, no Escorial, a 40 quilómetros de Madrid, para o cemitério em El Pardo-Mingorrubio, nos arredores da capital, onde está o túmulo de sua mulher.

Esta medida do governo espanhol foi saudada pela FIR - Federação Internacional de Resistentes, que realça que o «Vale dos Caídos foi transformado num lugar de peregrinação para os franquistas», acrescentando que foi construído por «pelo menos 20 mil trabalhadores forçados, muitos deles foram prisioneiros do regime de Franco», acresce que «muitas pessoas assassinadas durante a era de Franco estão naquele local em valas comuns e que das



quase 34 mil vítimas ali enterradas mais de 10 mil ainda não foram identificadas».

Este memorial franquista, local de visita de muitos saudosistas do regime fascista, foi construído em memória dos nacionalistas mortos na Guerra Civil Espanhola, 1936-1939, conflito em que morreram cerca de

500 mil espanhóis e 10 mil voluntários brigadistas nas batalhas entre nacionalistas e milícias populares republicanas, constituídas por espanhóis e revolucionários, voluntários das Brigadas Internacionais (combateram em Espanha mais de 40 mil brigadistas, entre os quais portugueses).

Na morte de Bento Luís

Bento Jesus Nunes Luís, dirigente da URAP desde 2013 e responsável pelo núcleo de Vila Franca de Xira, morreu dia 21 de Outubro.

Bento Luís, natural de À-dos-Loucos, concelho de Vila Franca de Xira, nasceu a 5 de Junho de 1947. Desde muito jovem, foi um destacado lutador contra o regime fascista, participante activo do movimento associativo em colectividades de cultura e recreio, animador cultural, associativo, promotor da leitura entre grupos de jovens operários, lutador irreverente e democrata incansável.



Fez o serviço militar no Quartel de Cavalaria, em Santarém, onde conheceu o Capitão Salgueiro Maia, que mais tarde reencontrou na Guiné e com quem conviveu, bem como com outros oficiais que viriam a ser militares relevantes no levantamento militar do 25 de Abril.

Tornou-se militante do PCP muito novo, seguindo os passos de sua mãe, operária em Alhandra, mulher de «fibra», cujas histórias de vida e militância não cabem nesta breve evocação.

Quando do 25 de Abril, era operário na MAGUE, em Alverca do Ribatejo, empresa onde decorria uma grande luta, tal como acontecia em muitas outras na região de Lisboa na véspera da Revolução.

Faleceu Manuel Ramalho Gantes

O advogado antifascista Manuel Ramalho Gantes morreu dia 20 de Outubro na sua terra natal, Vidigueira, aos 93 anos.

Em 1958, apoiou a candidatura presidencial de Arlindo Vicente e destacou-se na negociação que permitiu a desistência deste a favor de Humberto Delgado.

Militante do MUD Juvenil e depois do PCP, Manuel Gantes foi um activista da luta académica em Coimbra. Em 1969, foi candidato suplente por Beja às eleições legislativas pelo MDP-CDE.

Em 1975, foi delegado da Secretaria de Estado do Trabalho em Beja na altura da Reforma Agrária, onde um ano mais tarde lhe foi instaurado um processo com suspensão de funções e salário. Ganhou o recurso que interpôs e foi reintegrado no Ministério do Trabalho.



Por ocasião dos 80 anos do início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) abordamos o filme *Vem e Vê*, provavelmente o mais brutal relativo àquele que foi o mais terrível conflito militar da História.

A MORTE E O INFERNO: VEM E VÊ (1985)

De entre os filmes sobre a Segunda Guerra Mundial e a luta contra o nazi-fascismo, *Vem e Vê* (Idi i smotri, 1985) talvez seja o mais brutal. O seu propósito parece ser mesmo o de confrontar o espectador com o horror tenebroso da guerra — e desta guerra, em particular. O Goskino, o Comité Estatal Soviético para o Cinema, recusou inicialmente o projecto por razões estéticas, sugerindo alterações. Mas o seu realismo sujo foi aceite em 1984, antes da sorrateira Glasnost, sem que a ideia original do realizador Elem Klimov fosse alterada ou comprometida. Este processo intrincado demonstra a dificuldade em lidar com a realidade da guerra, mesmo na URSS, que tinha sofrido mais baixas do que os EUA e o Reino Unido combinados entre 1939 e 1945. Esta obra é um murro no estômago, porque nos ensina que a guerra pode ter heróis, mas não é heróica. Aclamado pela crítica, *Vem e Vê* venceu o 14.º Festival de Moscovo e foi a escolha soviética para a nomeação ao Óscar de Melhor Filme Estrangeiro.

O livro documental de Ales Adamovich, Janka Bryl, e Vladimir Kolesnik sobre a ocupação da Bielorrússia e a dizimação das populações de 628 vilas serviu de base. A besta nazi-fascista surge aqui em toda a sua fúria. Adamovich, que escreveu o argumento com Klimov, tinha sido partisan soviético no território bielorrusso. A narrativa descreve a iniciação de um rapaz, Florya (Aleksey Kravchenko), à violência devastadora da guerra, desde o momento em que encontra uma espingarda semi-automática numa trincheira até se juntar, determinado, à resistência armada. Densamente autêntico, este drama de guerra foi rodado na Bielorrússia, com gente local.

O título era para ter sido algo como *Mata Hitler*, em português. A cena que o justifica é aquela em que Florya dispara a



espingarda contra um cartaz enquadrado de Hitler numa poça de água lamacenta. Os tiros são entrecruzados com imagens de arquivo da aclamação do líder nazi, do extermínio, do desespero, e também do recuo da guerra através da inversão do movimento das imagens de destruição das cidades e das frentes militares. O título que acabou por ficar vem do *Livro do Apocalipse* (6,7). O mesmo capítulo do livro bíblico fala da morte como um cavaleiro e do inferno que ele semeia. Ele mata pelas armas, pela fome, e pela pestilência. O filme assemelha-se, portanto, a um convite a ver as atrocidades cometidas pelo nazi-fascismo. Vem e vê. A partir do

instante em que as bombas começam a cair, a angústia torna-se constante. Vê-se o medo nos olhos e nos gestos, o pranto convulso, os gritos lancinantes, a força humilhante, o fogo exterminador, a terra ensopada de sangue. É por ver tudo isso, a demência da guerra, que Florya envelhece aos nossos olhos.

Eis um filme que urge mostrar e discutir, num tempo em que um revisionismo espúrio tem tentado, através de meios políticos e ideológicos, fazer equivaler o nazismo ao comunismo. *Vem e Vê* é uma peça expressiva e contundente de alerta para a necessidade de construirmos a paz, porque põe à vista a desumanidade da guerra.

Sérgio Dias Branco

Professor Auxiliar de Estudos Fílmicos. Universidade de Coimbra

URAP NO 18.º CONGRESSO DA FIR, EM ITÁLIA

«Em conjunto com as gerações actuais, perpetuemos a herança dos combatentes e dos perseguidos, lutemos contra o neofascismo, o racismo e as raízes do fascismo, bem como pela democracia, o humanismo, a justiça social e 'um novo mundo de paz e liberdade.» Esta foi a mensagem do 18.º Congresso da Federação Internacional de Resistentes (FIR), que decorreu em Reggio Emilia, Itália, entre 29 de Novembro e 1 de Dezembro. Estiveram presentes delegados e convidados de 15 países europeus, entre os quais Portugal, representado pela URAP, com os lemas «Guerra nunca mais!», «Fascismo nunca mais!», e «Preservação da memória».

No final do Congresso foi eleito o novo Comité Executivo da FIR e votada a Resolução Final com cinco pontos: 1. «O Antifascismo é mais importante do que nunca!»; 2. «Fim ao ressurgimento do populismo de direita e do neofascismo»; 3. «Eliminemos a ameaça de guerra – protejamos a paz»; 4. «Mantenhamos viva a memória – contra o revisionismo histórico»; 5. «Consolidemos a unidade antifascista – ganhemos as novas gerações!».

Para a FIR, estes desafios necessitam de um maior trabalho antifascista e anti-racista no futuro e o poderoso e dinâmico reforço

das organizações nacionais de resistentes e da organização de cúpula internacional.

Os participantes consideraram que o slogan «Fascismo nunca mais!» é cada vez mais actual face ao crescimento dos partidos de extrema-direita em diversos países europeus e no Parlamento Europeu» repudiaram a Resolução do PE, de 19 de Setembro, designada «A importância do passado europeu (ou a consciência histórica europeia) para o futuro da Europa», na qual foi feita uma revisão da História em relação à História da II Guerra Mundial e ao papel que as forças da coligação anti-hitleriana desempenharam na destruição da barbárie fascista.

A delegação portuguesa, composta pela coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, José Pedro Soares, do Conselho Directivo, e Francisco Canelas, membro suplente do Conselho Directivo, fez uma intervenção na qual destacou a situação política mundial e portuguesa, bem como a votação da referida resolução do PE. A coordenadora da URAP afirmou ainda que «vemos com grande apreensão a situação que se vive no Mundo com os povos sujeitos a uma brutal ofensiva exploradora, opressora e agressiva do grande capital», e considerou que o governo português se

mantém «subserviente às directrizes da União Europeia» e que só «a luta vai obrigar a vergar estes interesses».

«A URAP, nesta situação tumultuosa do Mundo, tem estado ao lado das forças da Paz e tem participado em várias iniciativas de solidariedade para com os povos que corajosamente se batem pela liberdade e pela independência dos seus países», disse.

Os congressistas colocaram uma coroa de flores no Memorial dos Mártires, em Reggio Emilia, e visitaram o Museu do Combate da Resistência, Tributo aos Combatentes e Vítimas – Museu Cervi, em Gattatico.



COMPOSIÇÃO DO COMITÉ EXECUTIVO ELEITO NO CONGRESSO

Presidente: Vilmos Hanti (Hungria); Vice-presidentes: Filippo Giuffrida (Itália), Vladimir I. Romanenko (Rússia) e Gregori Touglidis (Grécia); Secretário-geral: Ulrich Schneider (Alemanha); Secretário Financeiro: Heinz Siefert (Alemanha). Restantes membros: Jean Cardoen (Bélgica), Mari Franceschini (Itália); Dr. Regina Girod (Alemanha); Guido Lorenzetti (Itália); Mítsea Panagiota (Grécia); Nikolay I. Royanov (Rússia); Alessandro Pollio Salimbeni (Itália); Simeon Ignatov (Bulgária); Jacques Varin, Jaques (França).

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses

PUB



Desconto sobre desconto em combustível

O cartão que lhe permite poupar mais sempre que abastece

Com o Cartão Associação Mutualista Montepio Repsol é certo que vai poupar mais. Porque além do habitual desconto de 6 cêntimos, este cartão permite acumular outros descontos e vantagens em vigor nas estações de serviço Repsol aderentes. São descontos sobre descontos, no caminho de vantagens que é ser nosso Associado.

E ao abastecer com combustíveis Repsol Neotech no mês de aniversário da Associação Mutualista ganha pontos a dobrar no seu cartão Repsolmove.

Informe-se já em montepio.org



Associação Mutualista
Montepio
Juntos por todos